

**PESQUISA, PÂNICO E PANDEMIA: A *INTERNET* COMO
FUNDAMENTO EXCLUSIVO DO ESTADO ATUAL DA ARTE.**

**RESEARCH, PANIC AND PANDEMIC: THE *INTERNET* AS AN EXCLUSIVE
FOUNDATION OF THE CURRENT STATE OF ART.**

**INVESTIGACIÓN, PÁNICO Y PANDEMIC: *INTERNET* COMO BASE
EXCLUSIVA DEL ESTADO ACTUAL DEL ARTE.**

Gabriel Marques Fernandes*

Resumo: Em 2020 teve início o Mestrado Acadêmico em História Social do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (PPGHI/INHIS/UFU), tendo como um dos objetivos do ano letivo a realização, pelos discentes, do Estado Atual da Arte; porém, em Março, o Brasil enfrentou uma condição extraordinária: a Pandemia de COVID-19. Devido ao isolamento social, arquivos e bibliotecas fecharam. Considerando que as atividades de pesquisa não poderiam parar: é possível realizá-las, inteiramente, exclusivamente, através da *internet*? Este artigo responderá essa questão, abordando os temas da superprodução, digitalização e dos mecanismos de busca (destacando o *Google Acadêmico*), concluindo que: sim, é possível pesquisar em tempos pandêmicos; porém, “novos” espaços, “novos” problemas.

Palavras-chave: *Internet*. Pandemia COVID-19. Pesquisa Científica.

Abstract: In 2020, the Academic Master in Social History of the Postgraduate Program in History at the History Institute of the Federal University of Uberlândia (PPGHI / INHIS / UFU) began, having as one of the objectives of the academic year the realization, by the students, of the Current State of the Art; however, in March, Brazil faced an extraordinary condition: the COVID-19 Pandemic. Due to social isolation, archives and libraries was closed. Consider that research activities are unable to stop: it's possible to carry out them entirely, exclusively, through the *internet*? This article will answer that question, addressing the themes of overproduction, digitization and search engines (highlighting *Google Scholar*), concluding that: yes, it is possible to search in pandemic times; but, "new" places, "new" problems.

Keywords: *Internet*. COVID-19 pandemic. Scientific research.

Resumen: En 2020 se inició la Maestría Académica en Historia Social del Programa de Postgrado en Historia del Instituto de Historia de la Universidad Federal de Uberlândia (PPGHI / INHIS / UFU), teniendo como uno de los objetivos del año académico la realización, por parte de los estudiantes, del Estado Actual del Arte; sin embargo, en marzo, Brasil enfrentó una condición extraordinaria: la pandemia COVID-19. Debido al aislamiento social, los archivos y

las bibliotecas han cerrado. Teniendo en cuenta que las actividades de investigación no podían detenerse: ¿es posible realizarlas, íntegramente, exclusivamente a través de *internet*? Este artículo responderá a esa pregunta, abordando los temas de sobreproducción, digitalización y motores de búsqueda (destacando *Google Scholar*), concluyendo que: sí, es posible buscar en tiempos de pandemia; sin embargo, espacios “nuevos”, problemas “nuevos”.

Palabras clave: *Internet*. Pandemia de COVID-19. Investigación científica.

Introdução

Sem fontes não há pesquisa em História: essa é uma premissa que qualquer historiador em formação ouviu ao longo de sua jornada acadêmica. Acontece que: realizar o Estado Atual da Arte, ou seja, um levantamento exaustivo de bibliografias e fontes a respeito do seu objeto de pesquisa, não é algo restrito à História, mas sim, à todas as disciplinas que exigem, em seu cerne, o labor científico.

Iniciações Científicas, Licenciaturas, Bacharelados, Mestrados, Doutorados, Pós-Doutorados, Livre-Docências; em cada um desses estágios da formação acadêmica exige-se a pesquisa científica e, atualmente, ela não é realizada sem a *internet*. Até então, não havia nada de novo: entrei no Mestrado, tinha levantando algumas fontes, possuía ideias de pesquisa, usaria a *internet* como fim e mediação, planejava ir até a Cinemateca Brasileira e ao Museu de Imagem e do Som em São Paulo, à biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ter acesso ao que não conseguiria digitalmente e/ou gratuitamente (como revistas por assinatura, materiais exclusivamente físicos, itens “raros”, etc.).

Em Março de 2020 chegou a Pandemia de COVID-19 no Brasil: uma ideia pairou, inexpressível, dentre os pesquisadores, que se olhavam torridamente, em pânico: é possível fazer uma pesquisa inteira, exclusivamente, através da *internet*?

Este artigo visa explicitar as condições heurísticas para o ato de levantamento, obrigatoriamente remoto, do Estado Atual da Arte de meu Mestrado Acadêmico - que teve início em 2020, em História Social (pensando as relações entre História e Cinema) -, rompendo o naturalismo científico, caminhando à um realismo intrusivo, que pode ser confundido à um relato de experiência, mas não é: apenas escancara os “bastidores” dos “resultados finais”.

A condição da *internet*: superprodução e digitalização

Para conseguir efetuar o Estado Atual da Arte é necessário, antes de mais nada, estabelecer a condição de heurística no século XXI: superprodução e digitalização.

Segundo Carlos Fico, em “História que temos vivido” (2012), a informática é uma característica da experiência temporal coletiva do terço final do século XX. No fim da década de 1980, a *internet* chega, progressivamente, de forma elitista, ao Brasil; acompanhada de novos produtos tecnológicos, demandas do mercado, redemocratização e democratização do acesso ao ensino; em 2014, através da Lei 12.965ⁱ, se estabeleceu os princípios, garantias e direitos para o uso da *internet* no país (atualmente, 74% dos brasileiros tem acesso à *internet* (VALENTE, 2020)).

Junto dela, temos um desenvolvimento tecnológico essencial para a construção do espaço virtual: a digitalização. O procedimento e tecnologia do ato de digitalizar, conversão de mídia analógica para digital, popularizou-se no Brasil no final dos anos 1990 (VOCÊ, 2017), porém, sua acessibilidade se deu, progressivamente, a partir do século XXI; se a 15 anos atrás tínhamos que ir à locadoras para assistir a qualquer filme, hoje temos eles disponíveis, por inteiro, em plataformas de *Streaming*.

Isso impacta fortemente a experiência de pesquisa. No campo da História, na relação entre História e Cinema, como dito por meu orientador, Prof. Dr. Alcides Freire Ramos, durante a disciplina “Estudos Alternativos em Linguagens, Estética e Hermenêutica”, ministrada no Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (PPGHI/INHIS/UFU): para se trabalhar com o Cinema na década de 1990 era necessário participar de todo tipo de exibição, desde aulas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), passando por cineclubes, cinemas, mostras, etc.; a memória, o roteiro, críticas de arte, fotografias, eram essenciais para realizar o trabalho com o audiovisual (e ainda são): entendia-se, na pesquisa, a experiência de exibição de um filme através de fragmentos.

Agora temos as obras completas para montar, remontar, voltar, avançar, alterar velocidade, dar *zoom*, assistir diversas vezes, *decupar* inversamente cada plano, anotando os mínimos detalhes de cena; é uma forma recente de trabalho com a História-Cinema. Cabe a questão: ter o filme integral faz dele o fenômeno social estudado em si? Não. A digitalização gera um efeito de realidade, de totalidade, naturalista, com sua ausência de fragmentos; nunca teremos a experiência de assistir ao filme nos anos 1978, em uma sala específica (afinal, mesmo assim, não teríamos a experiência em sua totalidade). Em suma: trabalhar com a digitalização do filme é ter consciência de que, apesar do objeto estar na nossa frente, a mídia, em si, é só mais um fragmento da experiência do Cinema.

Darei um exemplo, para elucidar: em minha pesquisa tenho como objeto o longa-metragem *Tudo Bem* (1978), dirigido por Arnaldo Jabor. Se o leitor curioso procurar no *Youtube*, encontrará a versão do filme, circulada pela Programadora Brasil, em 2007, que é uma cópia da digitalização feita pela Versátil Home Vídeo em 2006. A digitalização impera a mídia de *Tudo Bem*. Só que: em 2006, Arnaldo Jabor decidiu alterar os planos dos filmes, refazer alguns enquadramentos, tratar o som e a imagem; para quem trabalha com Cinema sabe: essas alterações mudam o sentido da obra. Em 2006 temos um novo *Tudo Bem*, replicado e digitalizado; o outra, de 1978, quase se perdeu: não é encontrado na *internet*, tem apenas uma digitalização, também lançada pela Versátil, mas com pouca distribuição.

Diante dessa condição da digitalização e arquivos digitais, outro aspecto que deve ser chamado atenção para a *internet* é a sua estética da superprodução: veja, uma coisa é vivermos em um Tempo Presente, presentista, como diria o historiador François Hartog, em *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo* (2013), ou seja, que não tem um horizonte de expectativa, nem um campo de experiência bem definido; estaríamos “empacados” no presente, usando de máquinas que aceleram a produção da memória que estaria em constante preservação. Outra coisa é vermos a superprodução em uma simples busca no *Google*: procurei, rapidamente, por “História”, e, em 16 de setembro de 2020, 11h, tive 323 milhões de resultados, advindos de múltiplos *sites*, em apenas 0, 68 segundos.

A facilidade de busca na *internet* escancara a estética-formal esmagadora da superprodução de nosso tempo, construindo um efeito de totalidade, por meio de seus itens digitalizados/digitais, que nos fazem diminuir o olhar crítico que os fragmentos nos levariam a ter, além de estimular afetos angustiantes e imediatistas: alguns exasperam-se para ler tudo que veem, outros imobilizam-se diante da grandeza desse “novo deus” barroco. Apesar dessa condição do mar que navegaremos, a *internet*, que, etimologicamente, designa um sistema de interligações e execução de hipermídias através de servidores (HOUAISS, 2009), ainda é uma ferramenta fundamental para o ato de heurística.

Do recorte ao mergulho: como pesquisar na *internet*?

Como lidar com esse ambiente digital para realizarmos o Estado Atual da Arte?

Primeiramente, o historiador, deverá, mais do que nunca, saber fazer um bom recorte de seu objeto de pesquisa, além de ter um conhecimento mínimo de como buscar na *internet*, já que, até mesmo, para marcar consultas presenciais nos arquivos, como na Cinemateca

Brasileira, por exemplo, é necessário verificar o catálogo *online* e já ter previamente discriminado quais itens se tem interesse em acessar na visita.

Como recortar um objeto de pesquisa na História Social da Arte e da Cultura (minha área)? Em *Práticas de Pesquisa em História* (Tania Regina de Luca, 2020), De Luca conduz, através de exemplos práticos da História Social da Cultura, partindo da tradição francesa, a seguinte forma de realização do recorte: a área (exemplo: História do Brasil), subárea (exemplo: História do Brasil República), o assunto/tema (exemplo: Classe Média) e o objeto/problema (exemplo: a ação da Classe Média no Governo de Ernesto Geisel). Chegando no objeto, é necessário fazer o Estado Atual da Arte, levantando e analisando historicamente, exaustivamente, as bibliografias e propondo uma originalidade através de novas questões, fontes e/ou abordagens.

Ao acrescentar a História Social da Arte nessa equação de De Luca teremos uma alteração no objeto/problema, o que implicará, pragmaticamente, em mudanças de levantamento do Estado Atual da Arte, assim como, na proposta de formulação de originalidade. A Prof^a. Dr^a. Rosangela Patriota, em *Vianinha: um dramaturgo no coração de seu tempo* (1999), distingue a peça *Rasga Coração* (Oduvaldo Vianna Filho, 1974) a partir da dramaturgia do próprio Vianinha e não das definições de críticas (podemos acrescentar, aqui, também, historiografia sobre História do Teatro Brasileiro); ou seja, Patriota inverte a proposição de construção de objeto de De Luca: se, em De Luca, a arte poderia ser fonte, após a definição do objeto, em Patriota, a arte torna-se objeto.

Tomar a arte como objeto, ação cara da História Social da Arte, que podemos observar, por exemplo, em autores como Aby Warburg, Jacob Burckhardt, Johann Huizinga, dentre outros, implica na construção de uma originalidade formal, problematizando a linguagem e estética do objeto de pesquisa a partir das fontes (reproduções, críticas, bibliografias, catálogos, curatorias, etc.). A interconexão com a História Social da Cultura se dá quando o pesquisador realiza a hermenêutica, problematizando a historicidade da prática exegética a partir da arte, onde o objeto passa a ser, também, fonte.

Tendo o objeto de pesquisa definido, neste caso, *Tudo Bem*, é necessário irmos à *internet* para fazer a pesquisa. Por onde começar? Existem dois tipos de formas de busca na *internet*: buscadores horizontais e verticais (POZZEBOM, 2011). Os horizontais (exemplo: *Google, Yahoo, Bing*, etc.), apresentam *links* gerais, multi-indexadores (cada um com sua forma de programação, ou seja, organização de exibição de resultados, que sugerem um efeito de

totalidade, sendo um conglomerado de *sites* verticais) e verticais (exemplo: periódicos, arquivos digitais, repositórios, etc.; onde, pelo menos em minha avaliação, o efeito de totalidade é abatido, já que, teremos assuntos específicos e enunciados que indicam a incompletude do que teremos acesso; são fragmentos), que aparecem resultados específicos do segmento indicado por cada espaço (exemplo: um periódico de História apresentará apenas resultados voltados para área de História).

Porém, como pesquisar? No meu caso, estabeleci um critério: todos os arquivos que mencionassem *Tudo Bem*. Porém, “Tudo Bem”, é uma palavra muito utilizada; como achar o assunto que quero? Primeiro é necessário aprender o uso das aspas (XAVIER, 2008): se digitamos, sem aspas, “Tudo Bem”, o buscador irá apresentar todas as menções à “Tudo” + “Bem”; se colocarmos entre aspas, “Tudo Bem”, o buscador apresentará todos os resultados que respeitem a sequência “Tudo + Bem”. Ainda assim, há muitos resultados. Portanto, é necessário fazer um uso variado de palavras chaves, por exemplo: “Tudo Bem” + “Arnaldo Jabor” (diretor); “Tudo Bem + “Arnaldo Jabor” + “Fernanda Montenegro” (atriz do elenco), etc.. Quanto mais variadas são as palavras chaves, mais plural será a ordem dos resultados apresentados, fazendo arquivos que estavam perdidos em páginas distantes aparecerem nas primeiras páginas; para vocês terem uma ideia, em minha atual pesquisa utilizei, aproximadamente, 173 palavras-chave (sim, pode parecer exagerado, mas só tinha a *internet* para pesquisar), cruzando filme, equipe técnica, atores, trilha sonora, referências formais do longa (exemplo: Max Ernst, São Cipriano, Amaral Netto, etc.), prêmios, elementos da hipótese de originalidade (exemplo: Alegoria, Psicologia, Wilhelm Reich), datas de lançamento do longa em outros estados e países, títulos da obra em outras línguas e, de modo geral, seu vínculo com o cinema brasileiro.

Tomemos como exemplo, para aprofundar o debate, o funcionamento de uma ferramenta que cresce vertiginosamente nas pesquisas científicas mundiais, a partir de minha experiência (que não utiliza de todos os recursos da plataforma, como a “métrica” – avalia o impacto das revistas acadêmicas -, inclusão de seus próprios artigos, na indexação -, dentre outras funcionalidades de ação de busca): o *Google Acadêmico*. O buscador foi desenvolvido em 2004, tendo uma versão beta, porém, chegou no formato em que conhecemos hoje, como um meta-buscador e indexador de referências bibliográficas, apenas em 2007 (em 2012 teve outro *upgrade*, facilitando a navegação, habilitando opções para “favoritar” resultados relevantes, salvando-os na biblioteca da conta particular do usuário, além de destacar a

possibilidade de “alerta” sobre os assuntos de busca de interesse e, quando algum novo arquivo entrar na plataforma, o usuário é notificado). Qual é a proposta e como funciona sua busca?

A ênfase da programação algorítmica do *Google Acadêmico* se dá em apresentar, como resultados, seguindo a mesma forma de organização de palavras-chaves explicada anteriormente, itens que estejam relacionados com plataformas e banco de dados circulados em espaços acadêmicos, como revistas científicas, repositórios institucionais, *sites* de relevância, instituições de pesquisa, tanto públicas quanto privadas (o texto é parcialmente cedido, aparecendo no resultado, com acesso, em alguns casos, mediante a pagamento (MUGNAINI; STREHL, 2008)), horizontalizando buscadores verticais, gerando efeito de totalidade, estabelecendo seu *rank* não apenas por meio do título dos trabalhos, mas por meio de todas as menções realizadas no texto completo, uma das singularidades da ferramenta, colocando-as em ordem de “importância”. Ou seja: quando digitamos “Tudo Bem” + “Arnaldo Jabor” na ferramenta, dos 283 resultados, geralmente, os itens que possuem mais menções e citações são colocados na primeira página.

Outro diferencial do *Google Acadêmico*, segundo o Professor Doutor em Ciência da Informação, Rogério Mugnaini e a Mestre em Comunicação e Informação, Letícia Strehl, “[...] está na indexação das referências bibliográficas, feitas nos trabalhos. Funcionando como um índice de citações, o GA interliga os diversos documentos a partir de suas referências, revelando uma rede de conexões entre publicações afins” (Ibid, p. 99). O que isso quer dizer? Ainda no exemplo anterior, um dos itens que aparece na lista de resultados é o artigo da Prof.^a Dr.^a Tânia da Costa Garcia, “Tudo Bem e o nacional-popular no Brasil dos anos 70” (2007), um trabalho de História Social da Cultura.

Ao observarmos no figura 1, veremos que o artigo foi buscado no *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), um indexador acadêmico vertical, e já o “salvei” em minha biblioteca personalizada - a “estrelinha”, no canto inferior esquerdo da imagem está preenchida -. Ao lado da estrela, teremos três funções escritas por extenso: “Citado por 2”, “Artigos Relacionados” e “Todas as 3 versões”.

Em “Citado por 2”, figura 2, veremos dois itens que mencionam o artigo de Garcia; um outro artigo da própria autora, retirado do site de periódico da UDESC e o artigo “Iracema” (2018), de CGS Medeiros, do indexador da revista Faces da História. Ao clicar na possibilidade de ver as citações, teremos contato exemplar com a ideia de indexação de referências

bibliográficas; ou seja, o *Google Acadêmico* constrói uma teia entre os espaços acadêmicos, um comportamento de meta-buscador/indexador, para o aprofundamento das nossas pesquisas.

Esse tipo de indexação não é relacionado apenas à “citação”, mas também a “Artigos Relacionados”, como vemos na figura 3, onde o “nó” da teia é a temática do artigo, indicando para possibilidades de *sites*, buscadores verticais e livros para compra (como é o caso de “O Cinema Novo lê Nelson Rodrigues”, capítulo de *O Olhar e a Cena: Melodrama, Hollywood, cinema Novo, Nelson Rodrigues* (2003), de Ismail Xavier, adquirido apenas por compra, já que não temos o hiperlink ativo, portanto, o arquivo não está digitalizado). Temos, ainda, em “Todas as 3 versões”, outras versões do mesmo artigo em outro formato, língua ou alguma mudança específica no texto ou na entrada algorítmica, podendo variar ou não de indexador.

Estabelecendo, então, uma forma de construção de palavras-chaves e uma breve funcionalidade do *Google Acadêmico*, demonstrando sua potencialidade de uso para pesquisa acadêmica, devemos chamar atenção para como romper o seu efeito de totalidade: devemos sempre utilizar mais de um buscador. Cada buscador condiciona uma forma de apresentação de resultados (O QUE É, 2008); ora: a própria divergência entre *Google* e *Google Acadêmico*. Não é que não conseguiríamos achar os itens do *Google Acadêmico* no *Google*, mas os algoritmos são diferentes. Voltando ao exemplo da palavra “História”, se a pesquisarmos no *Google Acadêmico*, em 26 de novembro de 2020, 11h05, teremos 2 milhões e 800 mil resultados, em apenas 0,09 segundos; aproximadamente 300 milhões de resultados a menos que no *Google*, e, obviamente, mudando sua ordem de apresentação a partir dos critérios de relevância, medidos, no caso do *Google Acadêmico*, pelo número de citações, versões e tempo de publicação, dentre outros.

O *Google Acadêmico*, apesar de ter amplo alcance também tem muitos “pontos cegos”, afinal, a programação possui um limite. Para minha pesquisa tive que utilizar tanto o *Google Acadêmico* quanto o *Google*, ambos foram necessários, já que muitas críticas de arte estavam postadas em *blogs* especializados, não acadêmicos, que ficavam fora do *Google Acadêmico*.

Imagem 1: “Tudo Bem” + “Arnaldo Jabor”.

[HTML] **Tudo Bem and nacional-popular in Brazil of the 70 s**
TC Garcia - História (São Paulo), 2007 - SciELO Brasil
... Professora do Departamento de História da UNESP, campus de Franca. RESUMO. Dirigido e escrito por **Arnaldo Jabor**, **Tudo bem** foi veiculado nas salas de projeção no ano de 1978 – período de distensão da ditadura – com o apoio governamental da Embrafilme ...
★ 99 Citado por 2 Artigos relacionados Todas as 3 versões

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

Imagem 2: “Citado por 2”.

Tudo Bem and nacional-popular in Brazil of the 70 s

☐ Pesquisar nos artigos de citação

Afinidades eletivas. A Funarte e o samba carioca como patrimônio da cultura nacional

TC Garcia - Revista Tempo e Argumento, 2017 - periodicos.udesc.br

Este artigo inventaria e analisa a vasta rede de sociabilidade composta por jornalistas, músicos e produtores culturais envolvidos com a música popular que, no decorrer da segunda metade do século XX, ocupando lugares de poder na imprensa escrita, em ...

☆ 99 Citado por 1 Artigos relacionados Todas as 5 versões >>

Iracema

CGS de Medeiros - Faces da História, 2018 - seer.assis.unesp.br

Este artigo analisa as representações e alegorias presentes no filme Iracema, uma transa amazônica, dirigido por Jorge Bodanzky e Orlando Senna. Gravado em 1974, durante a construção da Rodovia Transamazônica, símbolo de progresso e desenvolvimento na ...

☆ 99 Artigos relacionados >>

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020;

Imagem 3: “Artigos Relacionados”.

Aproximadamente 101 resultados (0,02 s)

[HTML] Tudo Bem and nacional-popular in Brazil of the 70 s

TC Garcia - História (São Paulo), 2007 - SciELO Brasil

Dirigido e escrito por Arnaldo Jabor, Tudo bem foi veiculado nas salas de projeção no ano de 1978—período de distensão da ditadura—with o apoio governamental da Embrafilme. O filme constitui referência documental para a análise do discurso do artista engajado, após o ...

★ 99 Citado por 2 Artigos relacionados Todas as 3 versões >>

[CITAÇÃO] Índios e Poetas: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção do Indianismo Literário 1808-1860. 2007, 121p

TG BELIEIRO - 2007 - ... de Ciências e Letras, Campus de ...

☆ 99 Citado por 3 Artigos relacionados

[CITAÇÃO] O cinema novo lê Nelson Rodrigues

I Xavier - O Olhar e a Cena: Melodrama, Hollywood, Cinema ..., 2003

☆ 99 Citado por 4 Artigos relacionados

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

Imagem 4: “Todas as 3 versões”.

[HTML] **Tudo Bem and nacional-popular in Brazil of the 70 s**

TC Garcia - História (São Paulo), 2007 - SciELO Brasil

Dirigido e escrito por Arnaldo Jabor, Tudo bem foi veiculado nas salas de projeção no ano de 1978—período de distensão da ditadura—com o apoio governamental da Embrafilme. O filme constitui referência documental para a análise do discurso do artista engajado, após o ...

★ 99 Citado por 2 Artigos relacionados 99

[HTML] **Tudo Bem and nacional-popular in Brazil of the 70 s**

TC Garcia - História (São Paulo), 2007 - SciELO Brasil

Dirigido e escrito por Arnaldo Jabor, Tudo bem foi veiculado nas salas de projeção no ano de 1978—período de distensão da ditadura—com o apoio governamental da Embrafilme. O filme constitui referência documental para a análise do discurso do artista engajado, após o ...

99

Tudo Bem e o nacional-popular no Brasil dos anos 70

TC Garcia - História (São Paulo), 2007 - repositorio.unesp.br

Dirigido e escrito por Arnaldo Jabor, Tudo bem foi veiculado nas salas de projeção no ano de 1978—período de distensão da ditadura—com o apoio governamental da Embrafilme. O filme constitui referência documental para a análise do discurso do artista engajado, após o ...

99

Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020.

Ainda assim, ficar apenas em uma única empresa é ser refém de um “colonialismo algorítmico”: é importante usar o *Google*, mas ele não é o único buscador da *internet*.

Utilizei, também, outros indexadores, verticais e horizontais, com diferentes disposição de resultados, mantendo a estratégia de composição de palavras-chaves, fazendo aparecer, em alguns casos, itens que não tive acesso em buscadores maiores; perpassei pelo: *Google Shopping*, *Google Books*, *Google Vídeos*, *Google Notícias*, *Yahoo Search*, *Bing*, *Ask Search*, *UOL Search*, *Duckduckgo*, *Yandex*, Repositórios Institucionais (UFU, UFPR, UFAL, UPEL, UFRGS, UFV, UFSM, EST, UDESC, UNB, UFBA, UFGD, UFPB, UFLA, UFMS, UFMG, UNIR, UFSC, UFSCAR, UNIFESP, UFS, UFC, UFES, FURG, UFVJM e UFF), Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações (UNIFOR, UFG, UEPG, UNICAMP, UEL, BDTD, PUC-Minas, PUC-Campinas, PUC-Goiás, PUC-São Paulo, PUC-Paraná, PUC-Rio Grande do Sul, PUC-Rio UCB, USP, UNOESTE, UFAM, UFMA, UFPA, UFRPE, FURB e UNESP), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, *Newtworked Digital Libtary of Theses and Dissertations* (NDLTD), Projeto Memória da Censura no Cinema Brasileiro (arquivo – fora do ar) [Coordenado e Idealizado pela Prof^a. Dr^a Leonor Souza Pinto], Coleção Aplauso

[Livros] (Imprensa Oficial do Governo de São Paulo), Banco de Conteúdos Culturais [BCC] (Acervo da Cinemateca Brasileira, parcialmente digitalizado), Mnemocine (Projeto de Ensino e Pesquisa em Cinema, Fotografia e Audiovisual, mantém Revista e Arquivo [financiamento: ONG's, instituições públicas e privadas]), Acervo Revista Filme Cultura [Financiamento: Secretaria do Audiovisual, antigo MinC, atualmente deve ser uma subsecretaria do Ministério da Cidadania], Centro Técnico Audiovisual (CTAV) [Financiado: Subsecretaria do Audiovisual, Secretaria da Cultura, Ministério do Cidadania], Hemeroteca Digital [Faz parte da Biblioteca Nacional, atualmente financiada pelo Ministério da Cidadania], Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) [Financiado: Ministério de Justiça e Segurança Pública], Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (Financiado: Secretaria Municipal da Casa Civil do Rio de Janeiro), Fundação Nacional das Artes [Funarte] (Financiamento: Ministério do Turismo), Cinemateca Portuguesa Digital (Financiamento: Ministério da Cultura Português), *Cinémathèque Française* (Financiamento: *Centre National du cinema et l'image animée*), Cinemateca Paulo Amorim [Faz parte da Casa de Cultura Mário Quintana] (Financiamento: Banrisul, Icatu Seguros, Renner e Sabemi), Cinemateca Capitólio (Financiamento: Petrobrás), Associação Brasileira de Críticos de Arte [ABCA] (Financiamento: Associação Internacional de Críticos de Arte e Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura [UNESCO]), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil [CPDOC] (Financiamento: Fundação Getúlio Vargas), *Harvard Library* (*University of Harvard*); *Bodleian Library* (*University of Oxford*), *Stanford Library* (*University of Stanford*); *Cambridge Digital Library* (*University of Cambridge*), Biblioteca Digital (Universidade de Lisboa), Biblioteca Geral (Universidade de Coimbra), Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Financiado: Petragold, Itaú, Ternium, Petrobras), Cinemateca da Bahia (Financiamento: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia); Fundação de Cinema RS (Financiamento: privado), Laboratório Universitário de Preservação Audiovisual [LUPA] (Financiado: Universidade Federal Fluminense [UFF]), Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro [CPCB], Cinemateca Potiguar (Financiado: IFRN – Natal), Cinemateca Paraense (Curador e Idealizador: Prof. Dr. Ramiro Quaresma [UFPA]), Cinemateca Pernambucana (Financiamento: Cinema da Fundação, Fundação Joaquim Nabuco e Ministério da Educação), Instituto Moreira Salles, Itaú Cultural, Museu Lasar Segall (Financiado: Ministério do Turismo), Pinacoteca (Financiamento: Governo do Estado de São Paulo), Museu de Imagem e do Som (Financiamento: Governo do Estado do Rio

de Janeiro), Museu de Imagem e do Som (Financiamento: Governo do Estado de São Paulo), Cinemateca Brasileira (Financiamento: Roquette Pinto comunicação educativa, secretaria do audiovisual, secretaria especial da cultura, Ministério do Turismo), *Vimeo* (buscador – internet [vídeos]); *Dailymotion* (buscador – internet [vídeos]), *Metacafe* (buscador – internet [vídeos]), *Veoh* (buscador – internet [vídeos]), *Flickr* (buscador – internet [vídeos]), *Dtube* (buscador – internet [vídeos]), *Vidlii* (buscador – internet [vídeos]), *Youtube* (buscador – internet [vídeos]), *Scientific Eletronic Library Online* [SciELO] (indexador científico; mantido por: FAPESP, CAPES, CNPq, BVS, BIREME, Fundação de Apoio da Universidade Federal de São Paulo), *Scopus* (Indexador Científico; Mantido: Elsevier), *Sistema de Información Científica Redalyc* *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe* [Redalyc] (Indexador científico; Mantido pela *Universidad Autonoma del Estado de México*), *Dialnet* (Indexador Científico; mantido pela Fundação Dialnet), *Directory of Open Access Journals* [DOAJ] (Indexador Científico; mantido: *Lund University*), *Index Copernicus* (Indexador Científico), *Academic Journals Database* (Indexador Científico), *JSTOR* (Indexador acadêmico; mantido por: Ithaka Harbors), *WorldCat* (Indexador acadêmico; mantido por *Online Computer Library Center*), *OAlster* (Indexador acadêmico; Mantido por *University of Michigan*), Portal CAPES (Indexador acadêmico; mantido pela CAPES), *Science* (Indexador Acadêmico; mantido por *U.S. Federal Science*), *Science Research* (Indexador Acadêmico; mantido por *Amplify Company*), *Research Gate* (Plataforma de compartilhamento de documentos), *Letterboxd* (mídias sociais de críticas), *Internet Archive* (Indexador científico; mantido Brewster Kahle), *Zlibrary* (Plataforma de compartilhamento de documentos), *Scribd* (Plataforma de compartilhamento de documentos), *Facebook* (mídia social), *Instagram* (mídia social), *Twitter* (mídia social) e *LinkedIn* (mídia social).

Considerações Finais

Ao longo do artigo busquei desvelar mecanismos que rompessem com a estética da superprodução e seus efeitos de totalidade, identificadas ao longo da pesquisa, propondo uma incursão crítica à *internet*, apontando possibilidades de mergulhos com um recorte de objeto de pesquisa bem delimitado, palavras-chaves variadas, indicação de ferramenta, como o *Google Acadêmico*, e a problematização de sua natureza algorítmica, mostrando outras possibilidades, circunscritas dentro da História, especificamente em minha experiência de pesquisa em História Social da Arte e da Cultura, pensando as relações entre História e Cinema, servindo, também,

para apresentar possibilidades aos meus colegas anônimos de pesquisa da minha e de outras áreas.

Nesse sentido, cabe questionar: apesar da superprodução da *internet*, não é tudo que encontraremos nela; há muitas obras que estão fora dos limites dos algoritmos e não devem ser negadas. Por exemplo: após acessar todas as ferramentas indicadas anteriormente consegui mapear, dentre itens digitalizados, para venda e consultas, 370 fontes, porém, tive acesso, de forma gratuita e, em alguns casos, paga, apenas à 295 fontes. Isso nos leva ao problema deste artigo: é possível fazer uma pesquisa exclusivamente pela *internet*? Sim. Apesar do ritmo megalomaniaco que a *internet* nos impõe, apesar de não ter as 75 fontes que, talvez, futuramente, poderiam ter me ajudado ou, até mesmo, abalado minha originalidade de pesquisa, ainda tenho 295 fontes, um número enorme que, talvez, sem a dificuldade do isolamento social, causado pela Pandemia de COVID-19, não teria chegado, pois optaria por seguir uma estratégia de levantamento de fontes usual: indo, presencialmente, aos espaços, sem parar para pensar nesse mecanismo simples e profundo de busca na *internet*.

Objetivamente: não devemos negar nenhum espaço de fontes, de bibliografia, de arquivos, biblioteca, tudo irá acrescentar; entretanto, não devemos ter um movimento de desejo de totalidade de obras avaliadas, pois isso nunca chegará; devemos sempre trabalhar com as ferramentas que teremos em nossa disposição, servindo nossa pesquisa, que, em determinados momentos históricos, tornam-se mais ou menos relevantes, obrigando-nos a pesquisar na condição de nosso tempo. Isso não é uma exclusividade da Pandemia.

Entretanto, a obrigatoriedade da pesquisa restritamente remota que o isolamento social nos colocou trouxe um entrave gritante para sua realização; acredito que isso aconteceu em muitas outras áreas. Fazer pesquisa remota custa e, talvez, até mais que a presencial. Coloquemos na ponta do lápis, ou do cursor, como o leitor preferir: para acessar a *internet*, no mínimo, sem aprofundar em outros elementos do cotidiano, precisamos de um bom pacote de dados, uma boa cobertura e um excelente equipamento de trabalho para dar conta do *download* dos arquivos, armazenamento, *backup*, velocidade do processamento, etc. Como exigir essas condições em um país que, em 2020, ocupa a posição de 7º mais desigual do mundo (FORTE, 2020)?

Esses três elementos fazem uma seleção socioeconômica e geográfica dos sujeitos que conseguem ter a possibilidade de realizar uma pesquisa científica exclusivamente pela *internet*. Como pesquisar com um baixo pacote de dados, onde um único *download* pode “queimar” tudo

que você usa em um dia? Como pesquisar, usando muitos buscadores, com a *internet* “caindo” a todo o momento? Como armazenar vários arquivos com um equipamento ruim e de segurança duvidosa? Até 2019 todos esses problemas poderiam ser sanados através das dependências das Universidades Públicas: laboratórios, bibliotecas, núcleos de pesquisas. Em 2020 isso não existe; o pesquisador está por conta, em sua casa.

Mas, em um cenário “favorável”, caso os três itens anteriores sejam razoáveis, teremos que encarar os “novos” desafios do “novo” espaço: o primeiro, é conhecer, de fato, o mecanismo da *internet* para além dos buscadores que dominam o mercado digital, não necessariamente compreendendo a lógica algorítmica com um programador, mas sabendo de sua existência, sabendo que uma pesquisa não pode se prender a uma única forma de organização de arquivos; é necessário ter a crítica da disposição das fontes de pesquisa. O ato de desarmar a estética da superprodução e seu efeito de totalização, fazendo uma pesquisa profunda, não é uma ação complexa, mas ela demanda, principalmente, paciência e tempo, para estabelecer um bom recorte e ter fôlego para o mergulho na *internet*: em uma condição de trabalho ideal, a dedicação exclusiva é necessária.

Não quero dizer com isso que pesquisadores possuem outros trabalhos fazem pesquisas “ruins”, mas apenas dizer que, a condição do ofício é diferente, inferindo na disponibilidade de tempo a ser conferida à esta etapa, já que, por exemplo, fazer um Mestrado Acadêmico, não é só levantar o Estado Atual da Arte, devemos analisar as fontes levantadas, problematiza-las, compor uma originalidade, estruturar os capítulos da dissertação, fazer leituras necessárias para a questão-problema, escrever, qualificar, defender e, claro, cumprir os créditos do programa e produzir; tudo isso em 24 meses. Entretanto, apesar de condições adversas, não podemos deixar de problematizar como e onde fazemos o levantamento da nossa pesquisa, ainda mais em tempos de exclusividade da *internet*, pois ela é o fundamento de nosso trabalho.

O pesquisador organizando sua disponibilidade para essa incursão, deve ter em mente que irá esbarrar em itens gratuitos, pagos e outros restritamente presenciais. Gastei um número expressivo, que não cabe aqui prestar as contas, mas que rompe, também, com a ideia de que uma pesquisa remota não tem gastos, pois a vida digital apresenta um universo “sem fronteiras”; a fronteira é econômica e é muito grande quando se trata, no campo da História, de fontes e bibliografias mais “raras” (antigas e/ou com pouca distribuição). Ter dinheiro para compra-las só é possível tendo financiamento. Há duas formas de ter financiamento em uma pesquisa:

trabalhando em outra atividade, o que impactaria na dedicação exclusiva, ou recebendo financiamento como bolsista; em meu caso, sou financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Pessoal (CAPES), mas, em âmbito federal, ainda temos o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, em Minas Gerais, contamos também com a Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Porém, como garantir uma seguridade de bolsa em início de carreira, de pesquisa, quando, em 2019, o Governo Federal fez um corte de aproximadamente 5.600 novas bolsas de pesquisa para pós-graduação (GALVANI, 2019)?

Diante da Pesquisa, do Pânico e da Pandemia, realizar o Estado Atual da Arte, tendo como fundamento exclusivo a *internet*, é possível. Porém, tenho consciência de que a minha circunstância de pesquisa é privilegiada, pois tenho condições socioeconômicas e geográficas que me dão estabilidade de trabalho, além de ser bolsista com dedicação exclusiva. Chamo atenção para isso não para hierarquizar um tipo de pesquisa, mas para enfatizar a desigualdade dentre do ofício do pesquisador. Cada ingressante da pós-graduação tem capacidade intelectual suficiente para realizar tudo que fiz neste artigo e, quiçá, ainda melhor; porém, nem todos tem uma condição socioeconômica e geográfica estável que, ao buscar amparo na universidade pública, encontraram portas fechadas, devido à Pandemia, em uma situação incontornável e desesperadora (não advogo aqui para reabertura das universidades, acredito que isso só deva acontecer com segurança, ou seja: todos estando vacinados; mas advogo por um Governo Federal que invista mais em educação, não como um paliativo, mas como um projeto de país); muitos ingressantes não escolheram, por conta, ter outros trabalhos para além da pesquisa, alguns foram obrigados a conseguir gerar renda, o que não foi fácil dentro do isolamento social, já que pesquisa não se faz sem financiamento: as fontes não se compram sozinhas.

Esse final, talvez um desabafo meio pessimista, mas nada niilista, coloca um “mas” na possibilidade de fazer pesquisa apenas pela *internet*, pois essas condições deixam mais evidentes a desigualdade socioeconômica/geográfica que existe no Brasil; catalisada pela Pandemia e preservada pelo Governo Federal. Para se fazer pesquisa ainda é indispensável: investimento público nas universidades e nas fundações de fomento, garantindo resultados de pesquisas democráticos e que servem, fundamentalmente, à democracia.

Referências Bibliográficas

DE LUCA, Tania Regina. *Práticas de pesquisa em História*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

FICO, Carlos. História que temos vivido. In: VARELLA, Flávia. *Et. All. Tempo presente & usos do passado*. 1ed. Rio de Janeiro: FGV, 2012, v. 1, p. 31-49.

FORTE, Bárbara. *Por que o Brasil é o sétimo país mais desigual do mundo?*. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/02/20/por-que-brasil-e-o-setimo-pais-mais-desigual-do-mundo.htm>. Acesso em: 26/11/2020.

GALVANI, Giovanna. *Governo Bolsonaro corta mais de 5.600 novas bolsas da Capes*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/governo-bolsonaro-corta-mais-de-5-600-novas-bolsas-da-capes/>. Acesso em: 24/09/2020.

HARTOG, François. Introdução – ordens do tempo, regimes de historicidade. In: _____. *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 17-41.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2009.

MUGNAINI, Rogério; STREHL, Letícia. Recuperação e impacto da produção científica na era Google: uma análise comparativa entre o Google Acadêmico e a Web of Science. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, p. 92-105, 2008.

O QUE É: buscador. 2008. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/0,,MUL394725-15524,00.html>. Acesso em: 24/09/2020.

PATRIOTA, Rosângela. *Vianinha: um dramaturgo no coração de seu tempo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

POZZEBOM, Rafaela. *Diferença entre busca vertical e busca horizontal*. 2011. Disponível em: https://www.oficinadanet.com.br/artigo/otimizacao_seo/diferenca_entre_busca_vertical_e_busca_horizontal. Acesso em: 24/09/2020.

VALENTE, Jonas. *Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa – a maioria acessa a internet pelo celular*. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: 24/09/2020.

VOCÊ conhece todas as funcionalidades do Scanner? 2017. Disponível em: <https://www.acervonet.com.br/blog/voce-conhece-todas-as-funcionalidades-do-scanner>. Acesso em: 24/09/2020.

XAVIER, Andressa. *Saiba procurar no Google da melhor forma*. 2008. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/aumentar-desempenho/23-saiba-procurar-no-google-da-melhor-forma.htm>. Acesso em: 24/09/2020.

Recebido: 08/03/2021

Aceito: 18/07/2021

Publicado: 25/08/2021

* Mestrando em História Social no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHI) do Instituto de História (INHIS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Bacharel e Licenciado em História pela mesma instituição. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2194-4276>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9104442271375070>.

ⁱ BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Decreta ou Sanciona Lei. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, ano 193, 24 abr. 2014